

Pedro Hurlia apresenta nesta edição da OLD seu ensaio Paralelo, uma viagem por uma pequena ilha no norte da Islândia na qual todos os poucos habitantes se conhecem e Pedro era o único estrangeiro presente.

Pedro, como começou sua relação com a fotografia?

Eu tinha uma enorme dificuldade em registrar os desenhos e pinturas que realizava durante a graduação em Artes Plásticas na Unicamp.

Comecei a aprender, passo a passo, algumas técnicas fotográficas que permitiam um resultado melhor. Em pouco tempo, o ato de fotografar foi se transformando, ganhando um novo espaço no meu processo de criação. A “poética” foi tomando o lugar da “técnica”. O interesse por fontes diversas que discutiam a filosofia da imagem foi aumentando, refletindo nos próprios trabalhos que começavam a tomar forma na época.

Nos conte um pouco sobre a história de Paralelo.

Foi durante uma Residência Artística em Reykjavík que planejei este ensaio, ao menos a origem dele. Queria percorrer um espaço de terra bem delimitado, onde a paisagem gritasse e influenciasse intensamente o cotidiano dos habitantes que ali estavam. Grímsey, uma pequena ilha no extremo norte da Islândia, era o local ideal daquilo que procurava. Esta ilha me atraía pela sua localização e população reduzida. Poucas famílias habitando uma estreita porção de terra cercada por falésias. É quase um microcosmo do próprio país. Todos se conheciam e a presença de um estranho era logo notada. Logo nas primeiras horas soube que era o único estrangeiro ali e essa condição me agradava de alguma forma. Comecei a fotografar tudo a minha volta, procurando vestígios de antigos habitantes e a paisagem ao entorno da ilha.

A geografia é um fator essencial dentro deste ensaio. Como você buscou trabalhar este tema nas suas fotografias?

Não tinha como fugir dela. Naquela situação, o clima e a paisagem exercem forte impacto nos moradores e visitantes. Além do difícil acesso, contribuindo em mudanças no cotidiano e costumes. Uma embarcação atravessa apenas duas vezes por semana o oceano trazendo mantimentos e alimentos. Um pequeno avião turboélice é o outro meio de se chegar lá.

O atrativo principal da ilha é o círculo polar ártico. Cruzar esta ilha imaginária é um evento. Durante o verão acontece o fenômeno do Sol da meia-noite, que é aguardado por todos na ilha e contrasta com o inverno imerso na escuridão. Estes opostos de presença e ausência de luz me interessavam... Busquei elementos na paisagem que evidenciassem isso.

Como você buscou construir a narrativa de Paralelo? Qual o peso dos personagens humanos, dos espaços e dos objetos nessa equação?

Haviam várias narrativas possíveis, apesar do fio condutor delas ser o mesmo. O conjunto total de imagens permitia isso. A construção de uma narrativa foi posterior. Nela, os personagens humanos são praticamente ausentes. Se escondem em indícios (objetos) de uma presença anterior ou na sombra a espera de um clima menos severo. A história do lugar é envolta de lendas e tragédias. No século XVIII, uma doença desconhecida alastrou-se pela ilha, que quase dizimou a população local. Sete habitantes sobreviveram, sendo que seis delas tentaram fugir em um pequeno barco. Tragi-

camente, todos morreram afogados nesta tentativa desesperada. Apenas um homem do vilarejo sobreviveu a doença e permaneceu vivendo na ilha por anos. Sendo assim, a força dessas relações estava na história da própria ilha.

Para você a fotografia constrói ou apresenta narrativas? O quanto o fotógrafo pode, ou deve, inserir de ficção em seu trabalho?

Esta primeira pergunta é um tanto complexa. Não sei se sou capaz de respondê-la, mas vou tentar... Eu entendo a fotografia como uma construção constante de narrativas. Ao mesmo tempo que ilumina o "objeto" fotografado, mantém determinadas áreas obstruídas da imagem. Estas lacunas que se encontram submersas, porém ativas, podendo ganhar outra abordagem e consequentes narrativas se foram desveladas. Neste sentido, ela pode construir e apresentar narrativas dependendo da ação e disposição do observador/fotógrafo.

Acredite que a fotografia potencializa ficções. Pode ser mais ou menos intensas, mas estamos produzindo ficção a todo instante.

Entendo que no ato fotográfico, já estou ficcionando ao escolher e utilizar determinada lente, ou mesmo no simples recorte fotográfico; deixando de lado certos elementos e escolhendo outros. A posterior edição e o modo como seleciono as imagens, complementam esse processo.

Entrevista de Pedro Hurpia para a Revista Old #31 sobre seu ensaio Paralelo.

Paisagem em Distensão [Pedro Hurlpia]
por Livia Aquino, 2013

O verbo distender não possui somente o sentido de ampliação/extensão, mas contém em si os seus opostos: contração/redução. Nesta perspectiva, a idéia de paisagem em distensão abrange as singularidades dos movimentos possíveis: ampliar/estender/estirar – reduzir/contrair/afrouxar. O caráter de movimento atrela-se tanto ao gênero paisagem – com as ampliações e reduções de seus valores culturais já estabelecidos – quanto a forma híbrida entre fotografia e pintura – com suas contrações e extensões.

Buscando um ponto intermediário entre a trama fotográfica e o espaço pictórico de representação, procuro entrelaçar formas e contextos poéticos que possam afetar e ampliar a relação paisagem – meio – percepção. A atividade pictórica se confunde as paisagens produzidas pelo dispositivo fotográfico, que por momentos é reproduzida mecanicamente e, em outros casos, executadas manualmente para serem apresentadas como fotografias. Mais do que a comparação mimética e realista que podem entrelaçar os meios, é encontrar o hibridismo das formas e a diluição de suas especificidades, que potencializem o discurso ou objeto retratado.

No diálogo com a distensão das linguagens, a paisagem também se movimenta, ampliando e construindo uma relação com o outro diante do contexto ficcional. Na imagem, a presença (ou ausência) da figura humana força-nos ainda a um ponto de vista, a um modo de inserir-se no espaço. Nestes trabalhos em específico, o gênero paisagem assume este deslocamento do olhar pelo viés da contemplação, onde o vazio e silêncio incita-nos ao (re)posicionamento na relação com o mundo.

Texto de Livia Aquino para o website Dobras Visuais sobre o projeto Paisagem em distensão de Pedro Hurlpia, o qual fez parte da residência no LABMIS em 2013.

Memórias da Imagem
por Mariano Klautau Filho, 2012

“...O artista (Pedro Hurpia) opta, inicialmente, pela visão distante, de um país distante; visão de satélite sobre a área portuária de Reykjavik, capital da Islândia, a partir do site Panoramio, que permite a localização geográfica. Tudo parece deslocado de uma terra sem identidade, sem memória, sem origem. Porém, há pelo menos dois elementos importantes que norteiam a poética do trabalho: um é a reconstrução plástica, pessoal de um lugar a partir de um mapa de dados disponibilizados numa rede de compartilhamento; o outro é um processo de conhecimento, aproximação mais íntima de um lugar distante que vai sendo remapeado com fotografia, pintura e objeto. A imagem do porto vista por satélite sugere ao artista uma aproximação daquele lugar, cujas paisagens e elementos serão fotografados e pintados para a concepção de um novo mapa marcado agora pela presença do artista na paisagem. É redesenhado um labirinto de pequenas telas, imagens de satélite, fotografias feitas pelo artista, marcadores vermelhos e fios que ligam as imagens.

Nesses percursos sugeridos por Hurpia, a materialidade do trabalho inventa um lugar de contínua busca pelo reconhecimento do outro, lugar compartilhado agora pelo espectador. Permanece a ação de distância e aproximação do outro, da terra estrangeira, da paisagem.”

Excerto de texto de Mariano Klautau Filho sobre a exposição Memórias da Imagem da qual Pedro Hurpia fez parte com a instalação Harbour View na Casa das Onze Janelas, Belém/PA em 2012.